

## Mundo

**CRISE NO HAITI**  
EUA retiram diplomatas do país

Desde fevereiro, gangues fazem ataques para pressionar o premier Ariel Henry



# RESULTADO HISTÓRICO

## Extrema direita quadruplica bancada em Portugal e centro-direita será governo

Projeções divulgadas ontem, após o fechamento das urnas, apontaram que o partido radical Chega pode quadruplicar sua bancada na Assembleia Nacional de Portugal, no maior avanço da extrema direita na História recente do país. A expectativa é de que o novo governo seja comandado pela Aliança Democrática (AD), de centro-direita, liderada pelo Partido Social Democrata. As projeções estimavam até 91 cadeiras para a AD, de um total de 230, mas os resultados preliminares revelaram uma diferença menor do que se esperava em relação aos socialistas.

O resultado final e possíveis coalizões de governo devem ser confirmados nos próximos dias, mas o Chega já comemora os números — afinal, o partido hoje tem 12 deputados, e deve ficar com quase 50, segundo as estimativas. Já na noite de ontem, a sigla confirmou ter recebido mais de um milhão de votos.

— Sinto-me realizado, segundo tudo indica haverá uma maioria forte à direita para governar — disse o líder do Chega, André Ventura, que foi eleito em seu distrito em Lisboa. — Hoje é o dia em que se assinala o fim do bipartidarismo em Portugal.

**'NÃO É NÃO'**  
Ele reiterou que está aberto a um eventual convite para integrar o Gabinete liderado pelos social-democratas. — Os portugueses manifestaram-se e disseram claramente que querem um governo entre o Chega e a AD, cabe agora aos líderes políticos interpretar o que foi expressado. Não há um país que eu conheça em que uma bancada com mais de 20% não forme parte do governo — declarou Ventura. — Os portugueses não deram uma maioria. Seremos totalmente irresponsáveis se não formarmos um governo. Estamos disponíveis para construir um governo em Portugal.

Até agora, não há qualquer indício de que o Chega, pauta-

do por um forte discurso anti-imigração e com falas xenofóbicas recorrentes, possa integrar o governo, como quer Ventura. Na reta final de campanha, Luís Montenegro, presidente do Partido Social Democrata, disse que "não fala" com Ventura, e chegou a pedir aos eleitores do Chega que votassem em sua sigla — desde o ano passado, Montenegro vem usando a expressão "não é não" para negar qualquer acordo com a extrema-direita.

— Eu compreendo que muita dessa força vem da frustração, da indignação, às vezes mesmo da revolta que muitas portuguesas e muitos portugueses sentem porque os poderes públicos, em particular o Governo, não dá a resposta que essas pessoas exigem — disse Montenegro, na terça-feira passada.

É grande a possibilidade de a centro-direita liderar um governo de minoria, algo viável em Portugal, mas que traz

consigo o fantasma da instabilidade. Desde 1976, apenas três Governos desse tipo conseguiram chegar ao fim de seus mandatos: a "geringonça" de António Costa, o primeiro governo de António Guterres, no final dos anos 1990, e um governo de Carlos César nos Açores, nesta mesma época. Os números preliminares apontam para um empate técnico com os socialistas, o que deve interferir nas negociações para a definição de um Gabinete.

**Um governo de minoria poderia implicar riscos de instabilidade no país**

— É tudo aquilo de que Portugal não precisava num contexto de tanta incerteza internacional. Apoio de convocar novas eleições [o que não pode

ser descartado no curto e médio prazo] só pode ser classificada como temerária e arriscada. Infelizmente, as circunstâncias atuais sugerem que Portugal sairá fragilizado — disse ao Jornal de Notícias o chanceler português, João Gomes Cravinho, ao comentar a possibilidade de um governo de minoria da AD e a hipótese de novas eleições.

### DE VOLTÀ A OPOSIÇÃO

Dentro do Partido Socialista (PS), a possibilidade de uma derrota era levada a sério. Das 120 cadeiras atuais, a expectativa é de que a sigla fique com entre 69 e 77, segundo a RTP, sendo relegada à oposição pela primeira vez desde 2015.

— Vamos liderar a oposição. Seremos a oposição. Renovaremos o partido e procuraremos resgatar os portugueses descontentes com o PS. Esta é a nossa tarefa daqui para a frente — disse o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos,

em declarações a apoiadores.

Alguns resultados preliminares permitiram traçar uma imagem do tamanho da derrota: no distrito de Beja, considerado um bastião da esquerda, o candidato do PS ficou em primeiro, mas seguido por um nome da AD e por um do Chega — no distrito são eleitos os três candidatos mais votados. Nas últimas duas eleições, o PS ficou com duas cadeiras e a Coligação Democrática Unitária, de esquerda, com uma cadeira. Em outro exemplo, o PS elegeu 13 deputados no Porto, seis a menos do que conseguiu em 2022.

Mais um ponto trazido pelas pesquisas de boca de urna foi a queda na abstenção: o voto não é obrigatório em Portugal, e segundo as projeções, entre 32% e 38% dos eleitores aptos não participaram do pleito. Em 2022, a abstenção foi de 48,54%. Caso se confirmem os resultados preliminares, seria a absten-

ção mais baixa em 15 anos.

Está marcada para a quarta-feira uma conferência de líderes dos partidos, e uma semana depois o presidente Marcelo Rebelo de Sousa ouvirá essas lideranças sobre os nomes cotados para liderar um governo, e sinalizará quem deve ser o indicado para o posto de primeiro-ministro.

A confirmação no cargo será feita na primeira sessão da nova legislatura, que deve ocorrer no início de abril — depois da posse, o novo Gabinete deve apresentar um programa de governo, que será submetido ao plenário, e pode inclusive ser rejeitado pelos parlamentares.

Na rede X (antigo Twitter), o líder do partido espanhol Vox, de extrema direita, Santiago Abascal, parabenizou "nossos vizinhos e amigos portugueses" e também congratulou Ventura "pelo excelente resultado".



Na frente. Líder da Aliança Democrática, Luís Montenegro, rechaça aliança com radicais



Em alta. André Ventura, líder da fortaleza da ultradireita, pressiona por acordo com a centro-direita

### ANÁLISE

#### Ultradireita aproveitou erros da esquerda

GIANNAMATO/giannamato@bnn.com

Da maioria absoluta no Parlamento à derrota na eleição de ontem em pouco mais de dois anos. O declínio da esquerda em Portugal teve a mesma velocidade da explosão da extrema direita. E o Partido Socialista (PS) ajudou a catapultar a ascensão desta sigla radical Chega ao posto de terceira força no Parlamento.

Alçados à fama global pela

união das esquerdas batizada de Geringonça e pelo impulso do turismo na economia, os socialistas atraíram quase um milhão de imigrantes, sendo a maioria brasileira. Agora, o discurso anti-imigração é que pode virar tendência.

A perda da maioria dos deputados para o Partido Socialista Democrata (PSD), de centro-direita, foi prevista nas pesquisas. O que o PS não

soubesse enxergar ao longo dos anos era óbvio, se fosse atendo ao que aconteceu na Europa: a cada erro, a ultradireita avançava, como analisaram socialistas históricos na resaca da derrota.

Depois de implodir a primeira versão da Geringonça em 2019, o ex-primeiro-ministro António Costa viu o seu orçamento ser rejeitado no Parlamento com os votos dos antigos parceiros de coligação, como Bloco de Esquerda e Partido Comunista. Sem consenso em torno do texto, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa dissolveu a Assembleia e convocou eleições para janeiro de 2022.

Considerado folclórico e

um ponto fora da curva do reduto europeu das esquerdas, o presidente do Chega, André Ventura, era o único deputado de partido naquela 2022. Terminou as eleições elegendo mais 11, alcançando a sigla ao terceiro posto do Parlamento.

Costa venceu aquela eleição com maioria absoluta, que garantiria tranquilidade para governar por quatro anos sem depender dos ex-parceiros de esquerda. Tudo que o PS não teve foi paz.

No intervalo de pouco mais de um ano, 13 integrantes do governo socialista caíram na esteira de uma série de escândalos de suspeitas de corrupção. Uma parte deles ligada às

crises da companhia aérea TAP. Rebelo evitou detonar novamente a bomba atômica, como foi chamada a dissolução do governo. Mas o próprio governo caminhava para a autodestruição.

O golpe final foi dado pelo próprio Costa. Após o anúncio que era investigado por corrupção, pediu demissão. Rebelo dessa vez não teve clemência e dissolveu o Parlamento, convocando as eleições de ontem. Há quem diga que Costa foi precipitado, porque a investigação apontava frívolos indícios e equívocos.

Como era previsto, a ameaça virou realidade: com discurso antissistema e contra

corrupção, o Chega se aproveitou de mais um fim de ciclo prematuro e das eleições antecipadas. As pesquisas de boca de urna indicaram até o fechamento deste texto um crescimento histórico, que poderia eleger cerca de 50 deputados da extrema direita.

No outro extremo, os ex-aliados de Geringonça encolheram. Ventura agora prega o fim do domínio da esquerda e do bipartidarismo em Portugal. Enquanto o PS assiste perplexo ao desmanche da esquerda, torce para que o líder do PSD, Luís Montenegro, cumpra a promessa do "não é não" para manter a ultradireita do Chega afastada de um possível governo.